

Fazendo Jornalismo em Redes Híbridas: Notas para discussão da Internet enquanto suporte mediático¹

Marcos Palacios

Este artigo busca problematizar a Internet enquanto suporte para a prática jornalística². Afinal, o que há de novo nesse suporte? Até que ponto podemos falar em rupturas com relação a práticas jornalísticas anteriores, em suportes que precederam a Internet? A Internet é mesmo um meio? Com que especificidades? Até que ponto a maneira como a caracterizamos conceitualmente condiciona o uso que, empiricamente, dela fazemos? Pensá-la como um meio será a melhor estratégia para explorar criativamente os seus potenciais?

Evidentemente um artigo não pode ter a pretensão de prover respostas cabais a tantas questões. Mas pode ser útil para fomentar a discussão em torno delas. É nosso objetivo tentativo neste texto, onde após estabelecer uma discussão que aponta para limitações do conceito de Internet enquanto “meio de comunicação”, tentamos avançar um modelo alternativo, a título de provocação e de produção de reflexões. Deixemos claro, no entanto, e como “premissa de leitura” deste texto, que o modelo proposto longe de ser visto como “um modelo mais correto” ou - pior ainda- como “o modelo mais correto”, deve ser entendido apenas como uma demonstração de que caminhos alternativos podem e devem ser explorados, se pretendemos chegar a um entendimento mais abrangente dos fenômenos comunicacionais da contemporaneidade.

Um ponto de partida possível para esta discussão é um artigo pioneiro sobre a caracterização da Internet como meio de comunicação de massa, publicado em 1996, por Merrill Morris & Christine Ogan, no *Journal of Computer Mediated Communication*. Os autores, nas trilhas

¹ Artigo produzido para discussão na Lista JnCultural, em fevereiro de 2003, disponível no site da FCA, PUC Minas Gerais: http://www.fca.pucminas.br/jornalismocultural/m_palacios.doc

² Este artigo nutre-se de idéias e textos desenvolvidos para três eventos dos quais participei recentemente: o Workshop de Jornalismo Online (Universidade da Beira Interior, Covilhã, Junho de 2002), a 23rd. IAMCR Conference, (Barcelona, Julho de 2002) e o II Colóquio Internacional sobre Redes e Cibercidades (Universidade de Aveiro, novembro de 2002). O (pré)texto é preliminar e provisório, e destina-se exclusivamente à discussão através da Lista.

de McLuhan, chamam a atenção para o fato de que o surgimento de uma nova tecnologia de comunicação força o repensar de definições e categorias em uso. Assim, quando se tenta caracterizar a Internet como um meio de massa, torna-se claro que nem **meio** nem **massa** podem ser precisamente definidos para todos os contextos, e devem ser continuamente rearticulados, a depender da situação concreta sob análise. Um dos méritos do texto de Morris & Ogan é chamar a atenção para o fato de que, na Internet, várias modalidades comunicacionais (síncronas/assíncronas; pessoais/massivas) coexistem num único artefato tecnológico. O texto original está integralmente disponível online em <http://www.ascusc.org/jcmc/vol1/issue4/cover.html> e constitui leitura preliminar importante para esta discussão.

Outro referencial útil como ponto de partida é a distinção estabelecida por Dominique Wolton³ (WOLTON, 1999a:85) entre uma lógica da **oferta**, que caracteriza os meios⁴ tradicionais (rádio, TV, imprensa), que funcionam por emissão de mensagens (o chamado modelo **Um** ↔ **Todos**)⁵ e uma lógica de **demanda**, que caracteriza as Novas Tecnologias de Comunicação (NTC), que funcionam por disponibilização e acesso (o chamado modelo **Todos** ↔ **Todos**). Essa abordagem já pode ser considerada mais sistematizadora, quando comparada com os lineamentos genéricos estabelecidos por Morris & Ogan.

É importante ressaltar que tais modalidades mediáticas (médias de oferta e médias de demanda) são vistas por Wolton **não** como pontos ascendentes numa escala progressiva e evolucionária, mas como complementares. Ele chama a atenção para a espetacular capacidade das NTC no que se refere à oferta de Informação, de Bancos de Dados, mas deixa claro que tal massa de Informação requer, e cada vez mais, processos profissionais de filtragem, triagem, validação:

³ Um texto de Dominique Wolton publicado na *Revista FAMECOS* n. 15 disponível em: www.pucrs.br/famecos/producao_cientifica/publicacoes_online/revistafamecos/fam15/apresentacao15.html

ilustra seu posicionamento.

⁴No âmbito das Ciências da Comunicação há toda uma inconclusiva discussão terminológica em torno dos termos média, mídia, medium, media, meio etc. Neste paper usamos os termos média, médium e meio como sinônimos, adotando o plural médias.

⁵ Usamos o símbolo de bi-direcionalidade (↔) também para o Modelo **Um** ↔ **Todos**, porque, contrariamente um certo tipo de análise que prevaleceu há até poucas décadas, compartilhamos a idéia de que os processos de Recepção devem ser considerados no Modelo, não havendo, portanto, uma uni-direcionalidade absoluta, muitas vezes claramente associada a uma suposta passividade do Receptor.

“Comunicação direta, sem mediações, como uma mera performance técnica. Isso apela para sonhos de liberdade individual, mas é ilusório. A Rede pode dar acesso a uma massa de informações, mas ninguém é um cidadão do mundo, querendo saber tudo, sobre tudo, no mundo inteiro. Quanto mais informação há, maior é a necessidade de intermediários- jornalistas, arquivistas, editores, etc- que filtrem, organizem, priorizem. Ninguém quer assumir o papel de editor chefe a cada manhã. A igualdade de acesso à informação não cria igualdade de uso da informação. Confundir uma coisa com a outra é tecno-ideologia” (WOLTON,1999b).

A idéia sugerida por Pierre Levy (1999:188) de um possível desaparecimento do Jornalismo (ou pelo menos dos Jornalistas enquanto intermediários), em função do desenvolvimento da Internet soa, cada vez mais, como uma simplificação descabida, juntamente com outros de seus descabimentos mais recentes⁶.

Entendido o movimento de constituição de novos formatos mediáticos não como um processo evolucionário linear de superação de suportes anteriores por suportes novos, mas como uma articulação complexa e dinâmica de diversos formatos jornalísticos, em diversos suportes, “em convivência” (e complementação)⁷ no espaço mediático, as características do Jornalismo na Web aparecem, majoritariamente, como Continuidades e Potencializações e não, necessariamente, como Rupturas com relação ao jornalismo praticado em suportes anteriores. Com efeito, é possível argumentar-se que as características (PALACIOS 1999; BARDOEL & DEUZE 2000) elencadas como constituintes do Jornalismo na Web (Interatividade, Multimedialidade, Hipertextualidade, Instantaneidade e Atualização Contínua, Memória, Personalização) podem, de uma forma ou de outra, ser encontradas em suportes jornalísticos anteriores, como o impresso, o rádio, a TV, o CD-Rom⁸.

⁶ Para uma crítica de idéias mais recentes de Pierre Levy, vide Palacios 2001c, em: http://www.pucrs.br/famecos/producao_cientifica/publicacoes_online/revistafamecos/fam16/palacios16.html

⁷ Essa complementaridade de formatos mediáticos constitui, em si mesmo, um vastíssimo campo de debates, pelo menos desde os escritos de McLuhan sobre esse assunto, não cabendo aqui aprofundar o assunto. A título de ilustração vide Palacios (2001b) in: http://www2.correioweb.com.br/cw/2001-09-16/mat_12769.htm

⁸ Não estamos, por outro lado, argumentando que não haja Rupturas no Jornalismo Online. Em outros textos (Palacios 1999 e Palacios 2002b) nossa posição nesse particular já foi explicitada.

Para se tomar um exemplo extremo de Continuidade, a Hipertextualidade pode ser encontrada, *avant-la-léttre*, num artefato tão antigo quanto uma Enciclopédia... No entanto, obviamente, na Internet e no Jornalismo Online há uma Potencialização dessa característica. Um outro exemplo: a Personalização já é praticada nos meios impressos (através da criação de suplementos especializados, dirigidos a públicos-alvos específicos) e no Rádio e TV (através da especialização das grades de programação e dos horários de emissão). Na Internet há uma clara Potencialização da Personalização⁹, pois ela volta-se agora para **indivíduos** e não para públicos segmentados. Raciocínio semelhante pode ser estabelecido com relação às outras características do Jornalismo Online.

De maneira similar a Wolton, Niklas Luhmann chama a atenção para o fato de que a evolução dos processos comunicacionais não se faz de maneira mecânica e por substituição de formas:

“Seria um grave erro supor que uma vida comunitária anterior à linguagem foi relegada em favor de uma linguagem de uso oral, esta por sua vez em favor da escrita, e a escrita difundida por meio da imprensa e, para concluir, esta última em favor dos meios electrónicos. Um modelo em fases deste tipo seria de um simplismo excessivo. Não se pode falar em absoluto nem de relegação nem de substituição. Antes o que acontece é que em cada nova fase da evolução conserva-se a forma precedente de formação de sistemas sociais e só se complementa com novas possibilidades” (LUHMANN, 1992:151)

A partir de raciocínios desenvolvidos com base nessa tipologia caracterizada pela dicotomia entre mídias que funcionam por uma **lógica da oferta** e mídias que funcionam por uma **lógica da demanda**, e tendo em vista a premissa da complementaridade entre mídias tradicionais e novas tecnologias de comunicação, Dominique Wolton convida seus leitores a “abandonar a guerra das mídias”, sendo esse o título de um capítulo de seu livro sobre a Internet (WOLTON, 1999).

Relativizando a Dicotomia: Redes Híbridas

⁹ Como por exemplo nos mecanismos de Personalização disponíveis no site da CNN (<http://www.cnn.com>)

No entanto, iríamos ainda mais além, relativizando a própria dicotomia acima proposta, uma vez que sugerimos que a caracterização da Internet **apenas como um medium**, como é enfatizado na análise de Wolton, é **insuficiente e parcial**¹⁰. A noção de medium está majoritariamente associada a processos de transmissões de mensagens entre interlocutores. Apesar de que, efetivamente, a mediação tenha lugar na Internet, especialmente quando essa mediação é concebida em termos amplos como “articulação entre ciberespaço e espaço físico” (MAMEDE & BRANCO 2002), claramente ela não esgota a caracterização da totalidade de suas funções, quando pensamos na Internet no contexto de seus usos no Ciberespaço, incluindo o Jornalismo Online.

A Internet concebida como um medium estabelece uma imagem de sistema comunicacional, comparável a outros sistemas comunicacionais, como fica claro no contraste estabelecido por Wolton entre cultura e comunicação individualizada, comunitária e de massa¹¹. A diferença entre tais sistemas na lógica de Wolton seria, em última instância, seu caráter massivo ou não massivo e a dicotomia das lógicas de oferta e demanda. Tudo isso pode ser válido, mas ainda é insuficiente para uma caracterização mais abrangente, quando nos reportamos ao universo criado por projetos em rede, integradores de espaços físicos e virtuais, e o lugar da Internet nessas criações humanas. Não se trata, portanto, tenhamos isso claro, de se negar a dimensão mediática da Internet, mas de tentarmos entendê-la para além dessa dimensão, para melhor utilizá-la, inclusive mediaticamente.

Quando se acessa, por exemplo, um site de uma rádio digital, que reproduz através da Internet a programação que está a transmitir “ao vivo” através de ondas hertzianas, complementando-a com fóruns de ouvintes, possibilidade de compras online dos produtos anunciados, arquivos sonoros e visuais, etc, estamos lidando com uma situação de justaposição onde **co-existem num mesmo suporte a lógica da demanda e a lógica da oferta** de que fala Dominique Wolton.

¹⁰É muito instigante a idéia de André Lemos (1999) da Internet caracterizando a Internet não como um medium, mas sim como uma **incubadora de mídias**, um espaço de gestação e experimentação mediática.

¹¹ “Hoje, graças aos novos meios de comunicação vêm-se aparecer setores da indústria cultural individualizados ou comunitariamente estruturados. É um progresso, mas a questão política que eu coloco é a seguinte: Alerta! Uma sociedade não é unicamente a soma de indivíduos, não é unicamente a soma de comunidades, mas é também uma coletividade e, portanto, não se deve buscar destruir a cultura de massas em benefício de culturas de comunidades reduzidas, de culturas individuais. As três são necessárias. Dito de uma outra maneira, faz falta a cultura e a comunicação individual, faz falta a cultura e a comunicação comunitária, mas o mais difícil e mais ambicioso é que faz necessário preservar a cultura de massas no âmbito da sociedade porque ela é uma das condições da igualdade cultural” (WOLTON 1999b).

A questão seria portanto como caracterizar, em primeiro lugar, essa rede complexa que constitui o conjunto formado pelo mundo físico (que se costumava caracterizar como IRL)¹² e o Ciberespaço e na qual a Internet, sendo elemento de mediação, não pode ser concebida apenas como suporte, como meio instrumental para o estabelecimento de ligações entre actores, já que outras ações (compra e venda, impartição de educação e treinamento, perpetração dos mais variados tipos de crimes, atividades de lazer, etc, etc) ocorrem e produzem efeitos para além do âmbito comunicacional/informacional stricto sensu .

Sugerimos que uma noção que oferece interessantes possibilidades para a descrição da complexidade observada no Ciberespaço foi proposta por Thierry Bardini, em seus estudos sobre a mudança técnica, através do conceito de Rede Híbrida (reseaux hybride), composta por participantes humanos (actores) e não humanos (actantes):

“Faz-se necessário substituir a concepção já datada de atores humanos ligados por um meio instrumental, material, por uma concepção de mediação na qual tudo é rede híbrida, conjuntos de associações mais ou menos estáveis entre humanos e não humanos, mas nos quais a “presença” de actores e actantes pode variar num continuum que vai da presença física e concreta até a existência tão somente enquanto objeto de discurso”(BARDINI, 1996:137)

Deve-se ter claro, evidentemente, que tal definição não foi proposta referindo-se especificamente ao Ciberespaço, mas sim como uma concepção abrangente, referida a todos os tipos de redes sócio-técnicas que se estabelecem em processos de criação e difusão de inovações tecnológicas, que são os fenômenos sob investigação nos escritos de Bardini. No entanto, sua aplicação a situações concretas de redes sócio-técnicas criadas na Web parece-nos perfeitamente operacionalizável. A articulação entre espaço físico e ciberespaço (mediação), portanto, passa a ser assim uma das funções da Internet na Rede Híbrida, ainda que não necessariamente sua única função.

Rede, Sistema e Ambiente Compartilhado

¹² IRL são as iniciais de In Real Life (Na Vida Real). Essa expressão, que foi muito usada nos primórdios da Internet, caiu em desuso na medida em que implicava uma disjunção bastante radical entre o mundo físico e o Ciberespaço.

Para avançarmos um pouco mais, propomos trazer para a discussão, ampliando-a o quanto possível nos limites deste artigo, a noção sugerida por Stockinger, segundo a qual na sociedade da informação, “o ciberespaço e especificamente a rede, por um lado e as organizações sociais (empresas, equipes, departamentos, partidos, etc), por outro lado, formam co-sistemas¹³, servindo-se mutuamente de ambiente (...)” (STOCKINGER 2001:107). Apesar de discordarmos da expressão “por um lado” e “por outro”, usada por Stockinger, na medida em que tal formulação enfraquece a idéia de continuum entre espaço físico e ciberespaço, ela é enriquecedora pois permite pensar esse continuum em termos sistêmicos e ajuda-nos a construir imagens de sua dinâmica¹⁴.

Conscientes dos perigos que junções de conceitos derivados de distintos referenciais teóricos e metodológicos, sugerimos não obstante que as redes híbridas, como por exemplo uma cidade digital, ou um mega-portal, podem sem grandes problemas ser pensadas a partir de modelos sistêmicos e que a Internet, no contexto do Ciberespaço, é melhor caracterizada não como um novo medium, mas sim como um **sistema** que funciona como **ambiente de informação, comunicação e ação múltiplo e heterogêneo** para outros sistemas. Sua especificidade sistêmica seria a de constituir-se, para além de sua existência enquanto artefacto técnico ou suporte, pela junção e/ou justaposição de diversos (sub)sistemas, no conjunto do Ciberespaço enquanto rede híbrida.

¹³ O termo co-sistema indica que o sistema evolui paralelamente com outro, servindo-se mutuamente de ambiente, o que aumenta sua capacidade de autoregulação (STOCKINGER, 2001:130).

¹⁴ As noções de Sistema e Ambiente são, evidentemente indissociáveis, e existe toda uma trajetória teórica e histórica a caracterizar esse par de conceitos nas Teorias Sistêmicas. Apesar de não podermos neste artigo reconstituir essa discussão temos que apontar alguns pressupostos que embasam nossa maneira de apropriação desses conceitos. Em primeiro lugar a complementaridade entre Sistema e Ambiente é comum a todas as escolas e tradições de análise sistêmica. Não há sistema sem ambiente. Em segundo lugar, e indo ao encontro da posição de Luhmann e contra a distinção clássica da teoria sistêmica entre Sistemas Abertos e Fechados (e.g. Parsons), sustentamos que as fronteiras entre Sistema e Ambiente são sempre móveis, uma vez que, paradoxalmente, todo sistema é ao mesmo fechado (e.g. sistema jurídico, sistema econômico), mas igualmente aberto, no sentido de que é capaz de relacionar-se com o Ambiente, processar informação e evoluir. Considerando essa fluidez de fronteiras entre Sistema e Ambiente, é possível entender-se que os diferentes sub-sistemas de uma rede híbrida possam se intercambiar, entre si, como Ambiente. Sistemas e Ambientes não devem, portanto, sob qualquer hipótese, ser concebidos como pólos estanques. Pelo contrário, tais fronteiras são fluidas e estão em constante movimento. Como um terceiro pressuposto, colocamos a questão da complexidade. Na medida em que em Ambiente é definido sempre com relação ao Sistema, o Ambiente é sempre mais complexo que o Sistema. É essa complexidade do Ambiente em relação ao Sistema, que “pode levar à formação de sub-sistemas em cada sistema que permite abordar com maior eficácia a complexidade do Ambiente” (IZUZQUIZA, 1990:159).

Portanto, **ao mesmo tempo** em que funciona como um sistema (ou sub-sistema)¹⁵ na rede híbrida, a Internet, em seu conjunto, funciona também como ambiente compartilhado (de comunicação, informação e ação) para uma multiplicidades de outros (sub)sistemas sociais e também, evidentemente, para agentes cognitivos (humanos)¹⁶.

Enquanto ambiente de informação, comunicação e ação múltiplo e heterogêneo, e em função dessa multiplicidade e heterogeneidade, a Internet possibilita a **co-existência**, lado a lado, de ambientes informacionais *stricto senso* (bancos de dados dos mais variados tipos), jornalísticos (jornais online, rádios online, agências de notícias, etc) educacionais (cursos à distância, listas de discussão especializadas, simulações educativas, bibliotecas), de interação e comunicação (chats, fóruns, correio eletrônico), de lazer e cultura (jogos online, museus), de serviços (bancos, sites para declaração de impostos online), comerciais, de trabalho, etc, etc.

A **heterogeneidade e a multiplicidade** se tornam compreensíveis quando passamos a encará-las a partir da lógica de funcionamento de outros (sub)sistemas da sociedade que tem na Internet um elemento importante de seus ambientes e não, inversamente, tentando explicar o funcionamento da Internet em seus próprios termos.

Na medida em que a Internet caracteriza-se por sua situação de **utilização simultânea**, enquanto ambiente, por múltiplos (sub)sistemas sociais, a enorme diversificação de usos observados na rede decorre de demandas próprias, específicas, de cada um dos (sub)sistemas sociais que tem na Internet parte de seus ambientes de funcionamento, levando por exemplo à criação de aplicativos específicos, que são posteriormente generalizados e utilizados por outros sub-sistemas. Assim, um aplicativo que origem em demandas específicas, por exemplo do sub-sistema econômico, através de atividades de comércio-eletrônico, pode ser muito rapidamente incorporado em sites e atividades de outros sub-sistemas, como por exemplo o educacional, jornalístico, etc.

A **utilização simultânea** do ambiente Internet por diferentes sub-sistemas sociais coloca pressões diferenciadas em termos de sua evolução, já que as demandas distintas geram soluções específicas que, no entanto, tendem a se difundir e se generalizar muito rapidamente para o conjunto da rede, sendo incorporadas nas práticas e atividades de outros sub-sistemas. É nesse

¹⁵ A caracterização da Internet como Sistema ou Sub-Sistema depende, é claro, do lugar de onde se observa ou descreve. A Internet é em si mesmo um Sistema, mas pode também ser descrita como um Sub-Sistema de um sistema mais abrangente (uma rede híbrida, ou o Ciberespaço, por exemplo), e/ou como Ambiente para outros Sistemas e/ou Sub-Sistemas.

¹⁶ Ou sistemas psíquicos, para usar a mesma terminologia de Luhmann.

sentido que, como sugerem autores como Levy (1997), Stockinger (2001) e outros, “a Rede vive” (“e Elvis com ela...”, complementa entre parênteses Stockinger)...

A idéia muito difundida e aparentemente simplista de que “na rede se encontra de tudo”, tem origem nessa mesma situação de compartilhamento ambiental. A concepção da **Internet enquanto (sub)sistema e ambiente numa rede híbrida** permite-nos compreendê-la como ente dotado de sua própria **dinâmica de funcionamento e evolução** e não apenas como suporte tecnológico e elemento de mediação. Essa (e/ou outras!) compreensão mais ampla é, a nosso ver, condição para que, gradualmente, os potenciais do novo ambiente venham a ser melhor equacionados e, *de facto*, incorporados de forma criativa e eficaz na prática jornalística contemporânea.

Nosso **modo de usar** depende, em grande medida, de nosso **modo de ver**¹⁷... Esse fato fica claramente ilustrado quando, por exemplo, comparamos as limitadíssimas concepções iniciais que tinham de seus respectivos inventos Thomas Edison e os irmãos Lumière, com o que foi (e ainda vem sendo!) o desenvolvimento do Fonógrafo e do Cinema...

Quanto à Internet e Redes Híbridas, quem viver verá... e fará...

@@@

¹⁷ E aquilo que sabemos ou aquilo que julgamos afeta o modo como vemos as coisas. “Na Idade Média, quando os homens acreditavam na existência física do Inferno, a visão do fogo tinha certamente para eles um significado muito diferente do que tem hoje para nós. No entanto, a sua idéia de Inferno dependia muito da visão do fogo que consome e das cinzas que permanecem, bem como da experiência dolorosa das queimaduras” (BERGER et alii, 1999).

Bibliografia

ADGHIRNI, Zélia Leal. **Jornalismo Online e Identidade Profissional do Jornalista**. Trabalho apresentado no GT de Jornalismo do X Encontro Nacional da COMPÓS – Brasília, 2001.

BARDINI, Thierry. **Changement et réseaux socio-techniques** : de l'inscription à l'affordance, in : *Reseaux*, n. 76, CNET, 1996

BARDOEL, Jo & DEUZE, Mark. **Network Journalism**: converging competences of old and new media professionals, in: <http://home.pscw.nl/deuze/pub/9.htm>

BASTOS, Helder. **Do Jornalismo Online ao Ciberjornalismo**: emergência de novas práticas nos media portugueses, in: *Revista de Comunicação e Linguagens*, n. 27, Lisboa, fev. 2000.

BERGER et alii. **Modos de ver**, Lisboa, Edições 70, 1999 (tradução do original **Ways of Seeing**, de 1972, originalmente uma série de televisão produzida pela BBC inglesa).

BONETT, M. **Personalization of Web Services**: opportunities and challenges, in: <http://www.ariadne.ac.uk/issue28/personalization/>

CANAVILHAS, José Messias. **WebJornalismo**: Considerações Gerais Sobre Jornalismo na Web. Portugal, Universidade da Beira Interior, 1999. Apresentação no I Congresso Ibérico de Comunicação.

FERNÁNDEZ HERMANA, Luis Angel. **Os enredados no ciberespaço**, entrevista concedida ao periódico *Pauta Geral*, in: *Pauta Geral*, ano 9, n.4, Ed. Calandra, 2002.

FLICHY, Patrice. **L'Imaginaire d'Internet**, Editions La Découverte, Paris, 2001.

KOCH, Tom. **Journalism in the 21 st. Century. Online information, electronic databases in the news.**
London, Adamantine Press, 1991.

LANDOW, G. P. **Hypertext 2.0: the convergence of contemporary critical theory and technology**, Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1997.

LAPHAM, Christine. **The Evolution of the Newspaper of the Future**, in:
<http://sunsite.unc.edu/cmcmag/1995/jul/lapham.html>

LEMOS, André. **Anjos Interativos e Retribalização do Mundo: Sobre interatividade e interfaces digitais**, in:
<http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/lemos/interac.html>

LEVY, Pierre. **Cibercultura**, São Paulo: Editora 34, 1999 (Tradução da edição francesa de *Cyberculture*, Paris, Éditions Odile Jacob, 1997).

_____. **A Conexão Planetária**. O mercado, o ciberespaço, a consciência, São Paulo: Editora 34, 2001 (Tradução da edição francesa de *World Philosophie*, Paris; Éditions Odile Jacob, 2000)

MACHADO, Arlindo. **Hipermídia: o labirinto como metáfora**. In: DOMINGUES, Diana. (org.) **A Arte no Século XXI: a humanização das tecnologias**, São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

MACHADO, Elias. **La Estructura de la Noticia en las Redes Digitales: un estudio de las consecuencias de las metamorfosis tecnológicas en el periodismo**. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Autònoma de Barcelona, Barcelona, 2000.

_____. **O Jornal Digital como Epicentro das Redes de Circulação de Notícias**, in: *Pauta Geral*, ano 9, n.4, Ed. Calandra, 2002.

MALDONADO, Tomás. **Crítica de la Razón Informática**. Barcelo, Piados, 1998.

MAMEDE, José & BRANCO, Vasco. **Articulações entre a cidade e a Web: Considerações sobre as naturezas digital e mediática das Cidades Web portuguesas**. Paper apresentado na Colóquio sobre Cidades Digitais, Porto, junho de 2002.

MANTA, André. **Guia do Jornalismo na Internet**, in: <http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/manta/Guia/>

McADAMS, Melinda. **Inventing an Online Newspaper**, 1995, in: <http://jan.ucc.nau.edu/~ipct-j/1995/n3/mcadams.txt>.

_____ **Hypertext Breakdown: an overview**, in:

<http://www.well.com/user/mmcadams/basic.units.main.html>

MIELNICZUK, Luciana. **Características e Implicações do Jornalismo na WEB**, trabalho apresentado no II Congresso da SOPCOM, Lisboa, 2001

MIELNICZUK, Luciana & PALACIOS, Marcos. **Narrativa Jornalística e Escrita Hipertextual**: considerações para um estudo sobre o formato da notícia na Web. Trabalho apresentado no GT de Jornalismo do X Encontro Nacional da COMPÓS – Brasília, 2001.

MOHERDAUI, Luciana. **Guia de Estilo na Web**: produção e edição de notícias on-line, São Paulo: Ed. SENAC, 2000.

MORRIS, Merrill & OGAN, Christine. The Internet as Mass Medium, *Journal of Computer Mediated Communication* n. 4, <http://www.ascusc.org/jcmc/vol1/issue4/cover.html> , 1996.

MOUILLAUD, Maurice & PORTO, Sérgio (Eds). **O Jornal da Forma ao Sentido**, Brasília: Paralelo 15, 1997.

PALACIOS, Marcos. **O que há de (realmente) novo no Jornalismo Online?** Conferência proferida por ocasião do concurso público para Professor Titular na FACOM/UFBA, Salvador, Bahia, em 21.09.1999.

_____ **Polarização, Inclusão e Exclusão Social**: uma proposta de monitoramento do Projeto Aveiro Digital, comunicação apresentada no I Colóquio Internacional de Redes e Cibercidades, Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, novembro de 2001.

_____ **Internet e Televisão**, in: *Correio Brasiliense*, 16 de setembro, 2001b in: http://www2.correioweb.com.br/cw/2001-09-16/mat_12769.htm

_____ **Bem-vindo ao Planeta: da Inteligência Coletiva ao Nomadismo Universal**, in: *Revista FAMECOS*, v. 16, Porto Alegre, PUCRS, 2001 (Resenha de Pierre Levy) 2001c, disponível em: http://www.pucrs.br/famecos/producao_cientifica/publicacoes_online/revistafamecos/fam16/palacios16.html

_____ **Internet as System and Environment in Cyberspace: a discussion based on empirical observations**, paper presented at the 23rd. IAMCR Conference, Barcelona, July 2002, in: <http://www.komdat.sbg.ac.at/ectp/Barcelona/>.

_____ **Jornalismo Online Informação e Memória:** Notas para discussão, Workshop de Jornalismo Online, Universidade da Beira Interior, Covilhã, junho de 2002b, disponível em: <http://www.facom.ufba.br/jol>

PALACIOS, Marcos; MIELNICZUK, Luciana; BARBOSA, Suzana; RIBAS, Beatriz e NARITA, Sandra. **Um**

Mapeamento de Características e Tendências no Jornalismo Online Brasileiro e Português, in: *Comunicarte, Revista de Comunicação e Arte*, vol 1, n.2, Universidade de Aveiro, set. 2002.

SANTOS, Ana Lúcia Reis dos. **Informação Fast-Food:** Um estudo de caso do jornal *Último Segundo* do Portal IG. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.

SCHULTZ, Tanjev. **Interactive Options in Online Journalism:** A Content Analysis of 100 U.S. Newspapers, in: <http://www.ascusc.org/jcmc/vol5/issue1/schultz.html>

SILVA JUNIOR, José Afonso. **Entre paliativos e escapismos: usos e apropriações da hipermídia, com um relato de pesquisa no jornalismo online,** : in: *Pauta Geral*, ano 9, n.4, Ed. Calandra, 2002.

SOUSA, Pedro Jorge. **Os Novos Meios Electrónicos em Rede,** in: <http://bocc.ubi.pt/sousa-pedro-jorge-jornalismo-on-line.html>

STOCKINGER, Gottfried. **Para uma Sociologia da Comunicação,** 2001, in: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa>

WOLTON, Dominique. **Internet et après:** une theorie critique des nouveaux médias, Paris:Flammarion, 1999 (as traduções neste artigo são de nossa responsabilidade)

_____ **Entrevista a Catherine Mallaval,** Liberation, 20/21March 1999b, in: <http://amsterdam.nettime.org>